Gramsci: mais um antitrotskista?

Carlos Zacarias F. de Sena Júnior
Professor da Universidade do Estado da Bahia (Uneb)

Com a publicação do sexto volume dos *Cadernos do cárcere*, em 2002, encerrou-se a primeira parte da divulgação da obra do marxista italiano Antonio Gramsci (1891-1937) no Brasil.[1] Em tempos de governo petista, convém mencionar, de passagem, que alguns dos principais conceitos utilizados largamente pelos dirigentes do Estado brasileiro têm identificação com o pensamento de Gramsci. Neste caso, o termo "hegemonia" e "sociedade civil", que são centrais nas formulações gramscianas, são com freqüência proferidos pelo alto escalão do governo Lula em diversas situações. Se as referências guardam ou não uma identidade mais profunda com a obra do comunista italiano, é uma outra história. O fato é que no seio deste governo muitos crêem piamente que estão aplicando Gramsci *tout court* enquanto alternativa ao abandono puro e simples do socialismo como projeto estratégico. Dizendo isso não quero afirmar, entretanto, que todos aqueles que utilizam Gramsci no atual governo o fazem com este intuito. Muitos petistas têm realmente uma grande afinidade com o pensamento gramsciano e se servem do seu legado coerentemente há algumas décadas. Este é o caso, por exemplo, do professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Carlos Nelson Coutinho[2]. Pioneiro na introdução de Gramsci no Brasil nos idos dos anos 60, Coutinho é, em larga medida, um dos maiores divulgadores da obra do marxista sardo entre nós e, como não poderia deixar de ser, o perpetuador de um certo tipo de leitura que se tem produzido em nosso país.

[1] Antonio Gramsci. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999-2002, 6 v.

[2] No momento em que dava os últimos retoques neste texto, Carlos Nelson Coutinho e outros importantes intelectuais anunciavam sua saída do Partido dos Trabalhadores.

De qualquer forma, é de Coutinho, mais uma vez, a responsabilidade pela nova edição da Civilização Brasileira cujo projeto prevê, além da publicação dos *Cadernos*, o lançamento dos *Escritos políticos* gramscianos pré-carcerários, em dois volumes, e de suas *Cartas do cárcere*, também em dois volumes. Os *Escritos* abrangerão os períodos de 1910 a 1920 e 1920 a 1926 e as *Cartas*, como o próprio nome já diz, refere-se à correspondência do sardo com dirigentes e membros variados do seu Partido, entre 1926 e 1934.

Se a obra carcerária de Gramsci é, entre nós, um pouco mais conhecida, isso não acontece com boa parte dos seus textos anteriores à prisão. No que tange a esse período da vida de Gramsci, destaca-se a sua imersão na intensa militância no movimento operário italiano, inicialmente no Partido Socialista Italiano e posteriormente no Partido Comunista Italiano, e a sua defesa dos "conselhos de fábrica". Também é dessa fase a criação e direção do periódico *L'Ordine Nuovo* (A Nova Ordem), que terminou sendo o núcleo original do futuro Partido Comunista da Itália, filiado à Terceira Internacional. Esse tipo de militância fez com que alguns autores identificassem essa sua fase como "conselhista". Outros, como é o caso de Coutinho, preferem caracterizá-la (especialmente o período de 1910 a 1920) como a sua juventude, época em que o comunista sardo estaria ainda muito próximo do idealismo hegeliano sob a inspiração do filósofo pós-kantiano Benedetto Croce.[3] Já uma outra leitura, cujo um dos principais representantes é o professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, Edmundo Fernandes Dias, identifica a formação principal da base marxista de Gramsci antes mesmo do seu contato com Lênin.[4] Para Dias, a formação da principal categoria gramsciana, o conceito de hegemonia, teria ocorrido entre os anos de 1916 (em que esta apareceria em estado prático) e 1919-1920 (em que se daria a elaboração do fundamental do conceito).[5] De uma forma ou de outra, o fato é que de acordo com os usos que se têm feito do seu legado, Gramsci está longe de ser um pensador unânime.

[3] Carlos Nelson Coutinho. *Gramsci: um estudo sobre o seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 21-22.

[4] Como se sabe, as principais categorias gramscianas seriam construídas a partir da análise concreta da situação italiana à luz do seu permanente diálogo com Lênin, e também com Benedetto Croce.

[5] Edmundo Fernandes Dias. *Gramsci em Turim: a construção do conceito de hegemonia em Gramsci*. São Paulo: Xamã, 2000, p. 14.

As controvérsias em torno do seu pensamento ora o colocam ao lado dos reformistas e revisionistas históricos que procuraram superar as concepções marxistas de ideologia, revolução e Estado; ora o vêem como um simples continuador de Marx e Lênin; ora o situam como um marxista revolucionário original, sujeito às vicissitudes de seu próprio tempo.

A essas três vertentes originais, que tantas polêmicas já ensejou nos meios intelectuais e de esquerda pelo mundo afora, poderíamos acrescentar a necessidade de se refletir e debater sobre a recepção de Gramsci no Brasil, principalmente sobre a herança que os socialistas brasileiros do século XXI devem incorporar ou renunciar. Nesse sentido, torna-se imprescindível o cotejamento do legado gramsciano com as formulações originais de stalinistas e trotskistas, especialmente em torno de algumas polêmicas encetadas nos anos 1920 e 1930. Esta discussão ainda carece de maiores contribuições, haja vista que ela está apenas começando com a nova "redescoberta" de Gramsci no Brasil e no mundo e sem a incômoda patrulha antitrotskista que impedia um debate mais franco e leal sobre o pensamento gramsciano.[6]

A questão a que me proponho neste texto é a de discutir algumas das formulações de Gramsci contidas nos *Cadernos do cárcere*, procurando situar alguns dos debates mais importantes em que o marxista sardo se envolveu (ou foi envolvido), quais sejam, o debate em torno da teoria da "Revolução Permanente", a polêmica quanto à continuidade da NEP, em 1926-1928, e as discussões referentes à linha política caracterizada como "terceiro período" da Internacional Comunista (IC). O que se pode esperar de um debate dessa natureza é que ele produza as necessárias discussões sobre os caminhos do socialismo e da Revolução Brasileira no século XXI pois, como se sabe, sem teoria revolucionária não há prática revolucionária.

A teoria da revolução permanente

A teoria da "Revolução Permanente", tal qual foi apontada por Marx e Engels nos anos 40 e 50 do século XIX, e depois resgatada, conceitualizada

[6] No início dos anos 1990, Edmundo Fernandes Dias escreveu um texto em polêmica aberta com Carlos Nélson Coutinho. Posteriormente, uma publicação coletiva reuniu este e outros artigos que procuraram resgatar as contribuições do pensamento gramsciano sob uma outra ótica. Edmundo Fernandes Dias. Rabo preso. *Teoria e Debate*, n. 14, 1991 e Edmundo Fernandes Dias, *et alli*. *O outro Gramsci*. São Paulo: Xamã, 1999.

e atualizada por Trotsky e Parvus, no início do século XX, tinha sido vista com simpatia por Gramsci no período do *L'Ordine Nuovo* (1919-1921) e mesmo em seguida, como sugere Roberto Massari no seu artigo "Gramsci e Trotski".[7] Será somente depois de 1926, entretanto, que a teoria da "Revolução Permanente", que aparecerá referida, especialmente, nos volumes três e cinco dos *Cadernos do cárcere*, passará a ser tratada de forma negativa, dando espaço para muitas das interpretações correntes que vêem em Gramsci uma espécie de anti-Trotsky.

Muito embora, em nenhum dos casos, a questão tenha ganhado um tratamento sistemático da parte do marxista sardo, ou seja, Gramsci nunca aderiu nem refutou totalmente a tese trotskista, é comum encontrarmos, especialmente nos seus escritos carcerários, a oposição tático-estratégica à teoria conceitualizada por Trotsky e Parvus, a partir de 1905, e depois "trotskicizada" plenamente, de 1928 em diante.[8] Mas em que sentido Gramsci abordou o tema da "Revolução Permanente" nos *Cadernos*? Como se deu a sua mudança de posição em relação ao assunto? Sob qual conjuntura era válida aquela discussão? Que tipo de apropriação foi feita das intervenções de Gramsci pelos gramscianos do PCI?

Nos limites deste texto, não há espaço para se fazer uma discussão exaustiva do alcance teórico e prático das teses da "Revolução Permanente" e das discussões travadas sobre o tema a partir da segunda metade dos anos 20 do século passado. De qualquer forma, será necessário fazer referência aos termos do debate inseridos no contexto do surgimento da Oposição no interior do PCUS, em 1923/1924, e do processo de disputas que conduziram Stálin ao poder na União Soviética, ainda em fins dos anos 1920. Somente assim se poderá ter uma idéia daquilo que estava em jogo no movimento operário internacional, pois os antagonismos não se referiam apenas à validação ou não de um postulado teórico, mas aos rumos que seriam dados ao

[7] Roberto Massari. Gramsci e Trotski. In: Edmundo Fernandes Dias *et alli*. *Op. cit.*, p. 123-166.

[8] Entre a formação plena do conceito de "Revolução Permanente" por Trotsky e Parvus, entre 1905 e 1907, e a posterior retomada por Trotsky, em 1928-1929, muitas transformações ocorreram e seria desnecessário enumerá-las. Essencialmente, o conceito foi mantido, mas Gramsci, possivelmente, nunca teve acesso às versões de Trotsky contra os ataques do stalinismo depois do seu encarceramento.

primeiro Estado Operário da história e à possibilidade ou não da própria revolução mundial.

Dito isso, convém voltar às elaborações de Gramsci nos seus *Cadernos*. Suas principais referências ao assunto aparecem nas discussões sobre tática e estratégia nos cadernos 6, 7, 13, 14 e 19.[9] Nestas passagens, Gramsci procurara datar a teoria da "Revolução Permanente", atribuindo validade para um determinado período e uma determinada sociedade, mas não para outras circunstâncias históricas diferentes das observadas e protagonizadas por Marx, Engels, Trotsky e Parvus. Será somente a partir da elaboração conceitual da tática de "guerra de posição" como contraponto à "guerra de movimento" que Gramsci procurará adequar a dimensão tático-estratégica ao contexto "Ocidental" das sociedades capitalistas mais complexas.[10] Sendo assim, a "guerra de movimento" seria o equivalente militar mais adequado à tomada de poder nas sociedades de tipo "Oriental", cujo corolário havia sido definido por Marx e Engels quando estudaram a Revolução Francesa e enunciaram a teoria da "Revolução Permanente". Entretanto, no "Ocidente" a "guerra de movimento" tornava-se ineficaz porquanto a sociedade civil se desenvolvera e criara mecanismos eficazes de atuação e disputa da hegemonia ao tempo que a sociedade política e o Estado tornaram-se mais resistentes aos efeitos de catástrofes econômicas e de investidas revolucionárias de tipo "assalto ao poder", típicas da "guerra de movimento" (ou "guerra manobrada").

Como diria Gramsci: "Além do mais, com acontecimentos de 1870-1871, perde eficácia o conjunto de princípios de estratégia e tática política nascidos praticamente em 1789 e desenvolvidos ideologicamente em torno de 1848 (os que se sintetizam na fórmula de revolução permanente...)".[11] Para Gramsci, a Revolução Russa de 1917, marcava o último acontecimento des-

[9] Na edição brasileira dos *Cadernos do cárcere*, os cadernos 6, 7, 13 e 14, constam no volume 3 (Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política) enquanto o caderno 19 se encontra no volume 5 (O *Risorgimento*. Notas sobre a História da Itália).

[10] Observe-se que as categorias de "sociedade Ocidental" e "sociedade Oriental" ou "guerra de posição" e "guerra de movimento", em Gramsci, são abordagens morfológicas e não realidades empíricas. Muitos dos leitores de Gramsci, presos ao stalinismo e/ou ao reformismo, confundem essas categorias com os tipos-ideais weberianos.

[11] Antonio Gramsci. *Op. cit*, v. 3, p. 39.

te gênero na história.[12] Dessa forma, ao questionamento gramsciano da validade da "guerra de movimento" em sociedades de capitalismo complexo, ditas "Ocidentais", Gramsci propunha uma nova tática, a "guerra de posição", desencadeada enquanto processo de luta pela hegemonia. Vejamos como a questão está formulada textualmente: "Conceito político da chamada 'revolução permanente', surgido antes de 1848, como expressão cientificamente elaborada das experiências jacobinas de 1789 ao Termidor. A fórmula é própria de um período histórico em que não existiam ainda os grandes partidos políticos de massa e os grandes sindicatos econômicos, e a sociedade ainda estava sob muitos aspectos, por assim dizer, no estado de fluidez (...). No período posterior a 1870, com a expansão colonial européia, todos estes elementos se modificam, as relações de organização internas e internacionais do Estado tornam-se mais complexas e robustas; e a fórmula da 'revolução permanente', própria de 1848, é elaborada e superada na ciência política com a fórmula de 'hegemonia civil'. Ocorre na arte da política o que ocorre na arte militar: a guerra de movimento torna-se cada vez mais guerra de posição; e pode-se dizer que um Estado vence uma guerra quando a prepara de modo minucioso e técnico no tempo de paz. A estrutura maciça das democracias modernas, seja como organizações estatais, seja como conjunto de associações na vida civil, constitui para a arte política algo similar às 'trincheiras' e às fortificações permanentes da frente de combate na guerra de posição: faz com que seja apenas 'parcial' o elemento do movimento que antes constituía 'toda' a guerra, etc".[13]

A formulação tática gramsciana, explicitada no caderno 13, escrito entre 1932 e 1934, havia sido originalmente destinada à crítica da teoria da "Revolução Permanente", tal qual a expuseram Marx e Engels. Entretanto o verdadeiro destinatário da crítica era Trotsky, não apenas porque ele tinha dado acabamento ao conceito, mas, principalmente, porque as investidas de Stálin e dos epígonos contra o revolucionário russo já tinham se desencadeado e visavam, num primeiro momento, a teoria da

[12] Idem, p. 73. Esta afirmação, que tem o significado de por fim a uma dada época histórica, foi tomado como pretexto para as leituras liberal-reformistas tanto no âmbito do chamado marxismo ocidental, quanto das recentes leituras pretensamente gramscianas pós-queda do muro de Berlim.

[13] Idem, p. 24.

"Revolução Permanente".[14] Com isso não estou afirmando que Gramsci tenha tomado a defesa de Stálin quando este opôs sua tese de "socialismo num só país", à teoria da "Revolução Permanente" de Trotsky. Isso seria não apenas desleal com o comunista sardo, como seria redutor de sua complexa elaboração sobre a questão da hegemonia e as táticas dali oriundas. De qualquer forma é isso que tem sido praticado por determinados "gramscianos" quando se remetem à discussão de Gramsci sobre a "Revolução Permanente", ou seja, instrumentalizam as elaborações gramscianas para dar um melhor combate às posições trotskistas.

É isso o que busca fazer o Palmiro Togliatti quando situa os debates que conduziram Stálin ao poder. Escrevendo em 1958, depois de ser o primeiro editor dos textos carcerários gramscianos, ainda nos anos 1940, o ex-dirigente do PCI opera de maneira a situar o embrião do pensamento oposicionista nas "desavenças" entre Lênin e Trotsky... em 1922: "A partir daquela altura [1922], o desacordo entre o partido bolchevista e Trotsky tornou-se cada vez mais profundo. Vai-se precisando a partir de 1923-1924, a tentativa, já em embrião nas discussões precedentes, de depurar toda a formação ideal e organizada do partido, que fora historicamente criada contra as correntes não Leninistas". Quanto à passagem de Gramsci por Moscou em estreito contato com o Comitê Executivo da IC, entre 1921 e 1923, e as relações deste com Trotsky, nenhuma palavra, senão a obtusa expressão de perdão pela confusão geral que reinava entre os comunistas do mundo no período imediatamente posterior à Revolução Russa de 1917: "Na agitação política existente logo após a revolução, os nomes de Lênin e Trotsky andavam sempre ligados, ignorando-se a diferença e a enorme distância que sempre os separara, tanto no pensamento quanto na ação".[15]

É verdade que o artifício ideológico togliattiano logrou construir uma leitura preponderante do legado gramsciano, mas não o é menos verdadeiro que se torna impossível fazer de Gramsci um stalinista em sentido estrito ou

[14] Em 1929, Trotsky empenhar-se-ia em defender suas posições quanto à "Revolução Permanente" diante do ataque do seu ex-aliado Karl Radek. Estava em questão não apenas a teoria da "Revolução Permanente", mas também todo o debate sobre a revolução chinesa e a ditadura nacionalista de Chiang Kai-shek. Leon Trotsky. *A Revolução Permanente*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

[15] Palmiro Togliatti. *Antonio Gramsci*. Lisboa: Seara Nova, 1975, p. 198-199.

em qualquer outro sentido. Mesmo a tentativa de contrapor as formulações tático-estratégicas de Gramsci à teoria da "Revolução Permanente", torna-se uma tarefa ingrata na medida em que uma tática não se destina a superar uma teoria, pois enquanto aquela se refere a um momento definido, imprevisto ou apenas tendencialmente antevisto, esta busca erigir o escopo conceitual para um período longo em cujas leis (ou tendências da história) são observadas, em sua inteireza, os elementos da agência humana e da necessidade histórica. Nesse sentido, a tática gramsciana de "guerra de posição", não seria antagônica à teoria da "Revolução Permanente", visto que, enquanto tática, esta poderia ser aplicada num determinado momento, mas não em outros, ou até que as condições necessárias ao assalto ao poder, à "guerra de movimento", portanto, estivessem plenamente colocadas. Poder-se-ia, então, passar de uma tática a outra, mais correta e mais adequada a uma conjuntura; entretanto nunca se poderá passar de uma teoria à outra sem que se perdesse, em essência, todo o aparato conceitual que move as elaborações estratégicas e táticas que não são expressões imediatas de uma teoria, mas mediatas e conscientemente apreendidas e aplicadas. Assim, as palavras de ordem democráticas ou de transição, defendidas por Lênin e Trotsky em momentos variados, seriam a expressão inequívoca de uma determinada tática que se poderia chamar de "guerra de posição". De outra forma, o Partido Bolchevique, sob a influência de Lênin, passou a defender à tomada do poder ou a "Revolução Permanente", após abril de 1917, não a partir de uma formulação meramente tática, mas a partir do entendimento de que a Revolução não poderia ser interrompida nos marcos da democracia burguesa.[16] Neste ponto, conceitualmente apreendido e reivindicado (ou acusado!) pelos bolcheviques da época, a elaboração de uma nova tática, a "guerra de movimento", para aquela teoria, a "Revolução Permanente", percebia as possibilidades de tomada do poder que não haviam sido colocadas até então.[17] Como se vê, nunca houve uma oposição sistemática

[16] Nas suas "Teses de abril" Lênin falava em transformar a revolução burguesa em revolução socialista, ou em "transcrescimento" da revolução, termo utilizado por Marx anos 40 e 50 do século XIX.

[17] Sobre as Teses de Abril o próprio Gramsci havia se referido, em 1924: "Sabe-se também que, em novembro [outubro, no calendário Russo] de 1917, enquanto Lênin e a maioria do partido tinham passado à concepção de Trotsky e pretendiam mexer não apenas no governo político, mas também

da parte de Gramsci à teoria da "Revolução Permanente", senão uma tentativa de construir uma nova concepção tático-estratégica para um novo período histórico que Gramsci acreditava, se havia aberto para o "Ocidente" depois de 1871, e possivelmente para o restante do mundo, depois de 1917.

Os debates sobre a Nova Política Econômica

Como se sabe, as discussões em torno da Nova Política Econômica (NEP) estão inseridas no contexto da disputa sobre os rumos da Revolução Russa após 1924. Sendo assim, este debate é também um desdobramento daquele outro referente à teoria da "Revolução Permanente", haja visto que os grupos em choque expressavam concepções profundamente distintas dos rumos que o Estado soviético deveria tomar. Seria exaustivo retornar aos princípios da implantação da NEP, proposta por Lênin em 1921. Assim, também creio ser desnecessário esmiuçar todo o conteúdo da discussão que se seguiu por alguns anos, em especial o período entre 1926 e 1928, e cujos desdobramentos, como todos sabemos, foi o processo de coletivização das terras dos camponeses a partir de fins de 1928. Interessa, dentro dos limites a que me propus neste texto, identificar a recepção de Gramsci acerca do debate e a posição que assumiu frente ao entrevero que opunha, de um lado Stálin/Bukharin, defensores da continuidade da NEP, e de outro Trotsky/Zinoviev, que acreditavam ser possível e necessário o desencadeamento de uma industrialização acelerada no sentido da acumulação socialista primitiva. Pretendo também aqui, de maneira semelhante ao tópico anterior, analisar as leituras de determinados gramscianos acerca das posições do comunista sardo.

Antes mesmo de ser preso, em 1926, Gramsci já vinha se inteirando das questões que começavam a surgir com força na União Soviética. A doença e a morte prematura de Lênin, em 1923/1924, precipitou os acontecimentos que tomaram curso nos anos seguintes com a formação do núcleo dirigente soviético, o triunvirato, composto por Stalin, Zinoviev e Kamenev. Pratica-

no governo industrial, Zinoviev e Kamenev permaneceram na opinião tradicional do partido, queriam um governo de coalizão revolucionária com os mencheviques e os social-revolucionários, e por isso saíram do Comitê Central do partido, publicando declarações e artigos em jornais não-bolcheviques, e por pouco não chegaram à ruptura". *Apud* Roberto Massari. *Op. cit.*, p. 132-133.

mente no mesmo período, começava a se conformar a Oposição dos 46, à qual se aliaria Trotsky ainda naqueles anos. As primeiras questões que vieram ao debate, diziam respeito à luta pela democratização do aparelho partidário e contra a burocratização do Estado soviético. Também ecoavam as dificuldades econômicas que já haviam possibilitado o surgimento de variados movimentos de oposição nas cidades.

Naqueles anos, na Itália, Gramsci combatia o esquerdismo e o sectarismo da direção do PCI, representado por Bordiga, Togliatti, Terracini, Scoccimarro, entre outros. Segundo Roberto Massari, "Na carta de 9 de fevereiro [de 1924, em que Gramsci expressa sua disposição em travar combate ao grupo extremista italiano] Gramsci reproduz, em escala italiana, as mesmas amargas e profundas críticas que Trotsky e os '46' tinham feito, na Rússia, à burocratização do PCR".[18] Será nesse período que Gramsci se aproximará da Oposição sem, entretanto, lhe emprestar apoio explícito. Nos anos imediatamente anteriores à sua prisão, Gramsci afasta-se gradualmente de Trotsky, muito embora também sem apoiar explicitamente o grupo de Stalin. Estaria na origem deste afastamento a utilização instrumental de Trotsky feita por Amadeo Bordiga.[19] Neste período, nos termos do debate em torno da implantação do socialismo na União Soviética, Gramsci manifesta-se de maneira mais incisiva contra as posições de Trotsky. A hostilidade do marxista sardo em relação ao revolucionário russo, além do caso Bordiga, tinha também a ver com a confusão de Gramsci quanto à teoria do "socialismo num só país", atribuída por ele a ninguém menos do que... o próprio Trotsky.[20]

Será, ainda, neste período que Gramsci aplicará seu conceito de hegemonia ao caso italiano, buscando constituir a aliança operário-camponesa nos termos históricos da Itália, cujo norte era industrializado e contava

[18] Roberto Massari. *Op. cit.*, p. 134.

[19] Massari procura situar o debate historicamente, e fala mesmo de um "paradoxo italiano", visto que Gramsci se alinha com Trotsky nas questões fundamentais da revolução mas não lhe dá apoio em nenhum momento. Entretanto este autor não exime Gramsci das responsabilidades pela stalinização do PCI "por igualar as posições de Bordiga às de Trotsky". *Idem*, p. 130 e 140.

[20] *Idem*, p. 142. Segundo o autor, a confusão de Gramsci originava-se do fato de que Stálin havia publicado seu livro *Princípios do Lêninismo*, cuja primeira edição, em 1924, trazia um trecho em que se colocava a impossibilidade de construção do socialismo um só país. Este trecho, segundo ainda Massari, teria sido expurgado das edições posteriores.

com uma classe operária forte, e o sul era agrário e possuía uma significativa camada de agricultores pobres. Da sua experiência e análise da questão nacional italiana, Gramsci retirará o núcleo essencial de suas posições carcerárias quanto ao debate que se travava na União Soviética.[21] Nesse sentido, seus escritos posteriores a 1926 expressarão o sentido político da disputa que havia travado no interior do PCI, até o momento em que compôs o novo núcleo dirigente, a partir daquele mesmo ano, sem a presença de Bordiga, ao tempo em que permaneciam latentes as questões da história italiana nos seus aspectos da desigualdade combinada entre o norte e o sul.

Dessa forma, nos *Cadernos*, Gramsci tratará o debate sempre no sentido de buscar a questão da hegemonia em termos da aliança operário-camponesa constituída na vitória da Revolução de Outubro. Também aparecerão os temas da questão nacional que opunham as teses do grupo de Trotsky ao grupo de Stalin: "O ponto que, em minha opinião, deve ser desenvolvido é o seguinte: como, segundo a filosofia da práxis (em sua manifestação política), seja na formulação de seu fundador [Marx], mas especialmente nos esclarecimentos dados por seu mais recente teórico [Lênin], a situação internacional deve ser considerada em seu aspecto nacional. Realmente, a relação 'nacional' é o resultado de uma combinação 'original' única (em certo sentido), que deve ser compreendida e concebida nesta originalidade e unicidade que se quer dominá-la e dirigi-la. Por certo o desenvolvimento é no sentido do internacionalismo, mas o ponto de partida é 'nacional', e é deste ponto de partida que se deve partir. Mas a perspectiva é internacional e não pode deixar de ser. (...) A classe dirigente só será dirigente se interpretar exatamente esta combinação, da qual ela própria é componente, e só como tal pode dar ao movimento uma determinada orientação, de acordo com determinadas perspectivas. Parece-me que é neste ponto que se localiza a divergência fundamental entre Leão Davidovich [Trotsky] e Bessarione [Stalin] como intérprete do movimento majoritário. As acusações de nacionalismo não são válidas se se referem ao núcleo da questão. Se se estuda o esforço empreendido pelos majoritários de 1902 a 1917, vê-se que sua origi-

[21] Veja-se, a esse respeito, *A questão meridional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

nalidade consiste em depurar o internacionalismo de todo o elemento vago e puramente ideológico (em sentido pejorativo), para dar-lhe um conteúdo de política realista".[22]

Ainda que de forma implícita, Gramsci assume posição quanto ao debate da NEP. Para ele as questões deviam ser consideradas em observância da necessidade de manutenção da aliança operário-camponesa em torno da hegemonia do primeiro elemento sobre o segundo. A questão nacional aparece como elemento essencial ao debate. E aqui surge um paradoxo, visto que nas formulações de Trotsky não havia nenhuma negligência da questão nacional ou da questão agrária e camponesa. O próprio Trotsky já havia se ocupado em responder às falsificações das suas posições promovidas pelo stalinismo, em 1929. Mesmo antes da ascensão de Stálin e de toda a mitologia que se criou em torno do trotskismo, são demasiadamente claros os termos das proposições de Trotsky quanto à questão camponesa: "As contradições entre um governo dos trabalhadores e uma esmagadora maioria de camponeses num país atrasado só poderiam ser resolvidas em escala internacional, nos limites de uma revolução proletária mundial. Uma vez superadas as estreitas fronteiras democrático-burguesas da revolução russa – em virtude da necessidade histórica – o proletariado vitorioso também se veria obrigado a superar suas finalidades nacionais, de maneira tal que teria que lutar conscientemente para que a revolução russa se tornasse o prólogo de uma revolução mundial".[23]

Sendo assim, já que não havia contradições profundas entre as posições de Gramsci e as de Trotsky, o que tornou as assertivas gramscianas antitrotskismo?

Talvez a resposta esteja nas primeiras leituras de Gramsci feitas pelo núcleo dirigente do PCI, já plenamente stalinizado nos anos 1930 e 1940. Em especial, nas apropriações do próprio Togliatti. Não vale a pena repetir o sentido do seu esforço em opor Trotsky, não apenas ao grupo majoritário de 1924-1928, mas ao próprio Lênin, desde 1922. Sabe-se que a colaboração

[22] Antonio Gramsci. *Cadernos do cárcere*. *Op. cit.*, v. 3, p. 314-315.

[23] Trotsky, *A Revolução de 1905*. São Paulo: Global, s/d, p. 14 (a citação é do prefácio à edição russa de 1922).

entre os dois revolucionários foi profundamente consistente naqueles anos, apesar das divergências leais que expressavam e, a essa altura, todos conhecemos o conteúdo do testamento de Lênin em que este advertia Trotsky para o perigo de ter Stálin no poder. Apesar disto, este tipo de leitura costuma ainda vicejar em determinados setores do movimento operário, inclusive entre muitos gramscianos que se formaram no núcleo ideológico togliattiano.

No caso da recepção brasileira, ao menos no caso de Carlos Nelson Coutinho, a questão vai além. Isto porque o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ex-militante do PCB sugere que o apoio de Gramsci à continuidade da NEP era, na verdade, um apoio à política de Bukhárin que continuou defendendo a NEP mesmo quando Stálin "se preparava para aplicar, talvez até radicalizando-a, a política da oposição trotskista-zinovievista derrotada em 1926. (...) Não é, assim, por acaso que Trotsky, na época, tenha acusado Stálin de 'roubar' seu programa; nem que boa parte da antiga oposição, em particular seu principal teórico econômico, Preobrajenski, tenha feito 'autocrítica' e aderido de armas e bagagens à 'virada' staliniana".[24] Diante da questão que nos apresenta Coutinho, só nos resta perguntar, então, por que Trotsky também não aderiu de "armas e bagagens" a política stalinista?! Logo ele que acreditou, até o limite, na possibilidade de recompor o núcleo dirigente do Partido Comunista, inclusive com Stalin. Por que manteve as suas posições, mesmo assistindo a adesão de muitos oposicionistas que faziam "autocrítica"? O que teria acontecido?

Já que Coutinho, para afirmar a sua tese, recorre ao marxista polonês Isaac Deutscher, um dos mais importantes biógrafos de Trotsky, seria importante nos referirmos a outras passagens do próprio Deutscher para resgatar o sentido da luta em torno da NEP. Principalmente porque seriam, justamente, naqueles anos em que se forjariam as armas para a derrota de Trotsky, dito como inimigo dos camponeses, opositor de Lênin etc.[25] Será importante ainda, antes de recorrer a Deutscher, contextualizar o tema da NEP e os

[24] Carlos Nelson Coutinho, *Op. cit.* pp. 72-73.

[25] "Mais uma vez, como em 1923 e em 1924, centenas de propagandistas retrataram Trotsky como o arquiinimigo do camponês e acrescentaram Zinoviev e Kamenev foram contaminados pela hostilidade de Trotsky para com o *mujique*". Isaac Deutscher, *Trotski: o profeta desarmado*. 1921-1929. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984, p. 303.

sujeitos de debate. Trotsky havia sido banido do território russo e se encontrava em Alma-Ata, Turquestão, desde 1927. Preobrajenski, principal economista da oposição, havia sido expulso do Partido no 15º Congresso e encontrava-se deportado desde 1928. Enquanto isso, Stálin e Bukhárin, que constituíam a nova maioria, levavam a cabo a política da NEP, desde a morte de Lênin em 1924, e a passagem de Zinoviev e Kamenev para a oposição, em 1925. Portanto, pondo os termos nos seus devidos contextos, de exclusões perseguições e capitulações (e não "autocríticas") a questão aparece de maneira mais clara.[26] Resta apenas retificar o programa da Oposição para que não restem dúvidas quanto à responsabilidade exclusiva de Stálin na coletivização forçada e no massacre dos camponeses. Nosso testemunho é, ainda, Isaac Deutscher: "A Oposição abordou os assuntos rurais de um ponto de vista paralelo. Também em relação a eles exigia uma reforma da tributação, afirmando que o imposto agrícola único, então em vigor, beneficiava aos ricos. Insistiu para que a grande massa dos *bednyaks*, 30-40% de todos os pequenos proprietários, fosse isenta de tributação e que o resto dos camponeses pagasse um imposto progressivo que recaísse mais pesadamente sobre os *kulaks*. Insistiu, ainda, na coletivização da agricultura. Não defendeu a coletivização forçada ou total, ou 'liquidação do *kulak* como classe'. Previa uma reforma a longo prazo, a ser realizada gradualmente, com o assentimento dos camponeses e acompanhada pela política creditícia do governo e o uso dos recursos industriais. Nenhuma das propostas da Oposição foi além das exigências de um aumento de 50% nos impostos para os *kulaks* e empréstimos de trigo virtualmente compulsórios, que permitiriam ao governo intensificar as exportações e proceder à importação de máquinas industriais. Frente às fortes negativas oficiais, a Oposição afirmou que a receita dos novos impostos e dos empréstimos de trigo deveria permitir ao governo aumentar os fundos de investimento industrial, apesar dos aumentos dos salários e da redução de impostos para os camponeses pobres".[27]

Portanto, a política defendida pela Oposição estava longe da aplicada

[26] À capitulação de Preobrajensky, que seria readmitido no partido em 1929, seguiu-se a de Zinoviev, Kamenev e muitos outros membros da Oposição. Nos anos 1930, estes, como tantos outros, foram condenados à deportação ou a morte nos famosos "Processos de Moscou".

[27] Isaac Deutscher, *Op. cit.* p. 297.

por Stalin, como pretende Coutinho. De outra forma, enxergar nas posições de Gramsci a idéia de que a virada de Stalin, em 1928-1929, represente o fim da "concepção gradualista e consensual de transição ao socialismo implícita na NEP, e o início da 'revolução pelo alto', encarnada na coletivização forçada e na industrialização acelerada", é, no mínimo, um exagero. Como sugere o próprio Coutinho, o "apoio" a Stálin seria anacrônico, visto que Gramsci só se refere ao debate em 1933.[28] Era certo, entretanto, que o conceito de hegemonia informava todas as suas posições. Mas Gramsci não tinha condições de, na prisão fascista, acompanhar todos os acontecimentos e debates que se estavam promovendo no movimento socialista internacional. Muito menos de saber o que se estava orquestrando contra Trotsky na União Soviética. Nesse sentido, suas posições só podem expressar alguma confusão e desinformação quanto aos atores do jogo e quanto ao próprio jogo. Portanto, buscar nas posições carcerárias de Gramsci uma localização no debate, é um exercício arriscado e francamente inadequado.

O "terceiro período"

Como já foi discutido uma das maiores preocupações de Gramsci quanto à revolução dizia respeito à sua percepção de que nas sociedades capitalistas complexas, ditas "Ocidentais", havia a necessidade de se passar da tática de "guerra de movimento" à "guerra de posição". Não por acaso, essa formulação teve livre uso da parte de muitos gramscianos que procuraram identificar naqueles postulados um percurso incompleto, já que o comunista italiano não havia superado a visão leninista e o próprio Gramsci já havia identificado que as bases para a transformação e superação dialética já tinham sido dadas por Lênin nos debates do 3º Congresso da Internacional Comunista, quando este propôs a tática de frente única e combateu o esquerdismo do movimento comunista internacional.[29] O esforço de Lênin em combater o esquerdismo no início dos anos 1920, prosseguiria com Gramsci no curso dos debates dos anos posteriores. Neste sentido, são destacadas, com freqüência, as referênci-

[28] Carlos Nelson Coutinho. *Op. cit.*, p. 136, 261.

[29] Antonio Gramsci. *Op. cit.*, v. 3, p. 262. Anderson chama a atenção para o fato de que foi Trotsky e não Lênin quem escreveu o documento clássico de teorização da frente única nos anos 1920. Perry Anderson, As antinomias de Gramsci. In: *Afinidades seletivas*. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 92.

as gramscianas contra o esquerdismo, como aquela que via em Trotsky o "teórico político do ataque frontal num período em que este é apenas causas de derrotas".[30] Uma afirmação como esta, devidamente descontextualizada e despida de todo o rigor de análise que deveria localizar o debate que estava em curso, presta-se a um tipo de instrumentalização profundamente inadequada do que seria a perspectiva gramsciana.

Muito embora as referências de Gramsci sobre os debates que movimentavam a Terceira Internacional sejam muito esparsos, haja visto que no cárcere o seu acesso às informações era muito precário, uma certa leitura se consagrou no movimento operário quanto aos significados de suas incursões no debate. Como afirmei anteriormente, a recepção de Gramsci estava marcada por uma certa interpretação do PCI e seu principal quadro teórico, Palmiro Togliatti. De certa forma, o esforço empreendido pelo dirigente comunista no sentido de produzir uma localização de Gramsci nos debates entre os grupos de Stálin e Trotsky, mostra-se uma operação ideológica essencialmente desconectada da realidade. No Brasil, esta versão se perpetuou nas leituras de Carlos Nelson Coutinho, muito embora este não tenha os compromissos ideológicos do dirigente do PCI. Este autor, discutindo as formulações estratégicas de Gramsci para o "Ocidente", localiza o debate "contra" a "Revolução Permanente" e Trotsky, o "teórico político do ataque frontal", situando a questão do "terceiro período" como um erro típico do trotskismo: "Para sublinhar a atualidade da batalha política de Gramsci, seria interessante observar que, embora suas críticas se dirijam explicitamente a Trotsky e (como veremos) a Rosa Luxemburgo, ele também se opõe aqui, na verdade, a toda a linha política seguida pela Internacional Comunista no período que vai de 1929 a 1934: uma linha baseada, como se sabe, na falsa suposição de um iminente colapso do capitalismo, da abertura de uma crise revolucionária mundial (concebida em termos de 'catastrofismo econômico'), com a conseqüente dedução da necessidade de adotar uma tática de ataque frontal, de ofensiva em todos os planos, tática segundo à qual até a social democracia devia ser tratada e combatida como uma irmã gêmea do fascismo".[31]

Quanto às críticas de Gramsci que se dirigiam a Trotsky e Rosa

[30] Antonio Gramsci. *Op. cit.*, p. 255.

[31] Carlos Nelson Coutinho. *Op. cit.*, p. 150.

Luxemburgo, seria importante destacar o caráter extemporâneo dessas afirmações. De qualquer forma, não fica nunca muito claro que o comunista italiano esteja se referindo aos encaminhamentos da IC. Se for assim, nem mesmo a afirmação de Coutinho, na conclusão do parágrafo, isenta o leitor do desconforto de pressentir que uma nova operação está sendo montada: "Escrevendo em 1930-1932, quando a aplicação da 'virada esquerdista' da IC estava em pleno andamento, Gramsci não podia ignorar que seus ataques a Trotsky – então politicamente derrotado e no exílio – aplicavam-se com muito maior propriedade à política da própria IC". Mas aqui é possível desfazer o encanto seguindo as pistas do próprio autor, pois Trotsky estava derrotado, Rosa estava morta, assassinada pela social-democracia alemã, e a crítica de Gramsci era, então, à política da Internacional Comunista. E quem dirigia o *Komintern*? Stálin e seu grupo. Com efeito, a política do "terceiro período", definida na 6º Congresso em 1928, teve em Bukhárin seu principal artífice. A nova linha afirmava que o capitalismo entrava numa nova fase de desagregação e que o movimento comunista internacional deveria desencadear uma ofensiva revolucionária contra suas burguesias nacionais. Neste quadro, a social-democracia era identificada como social-fascismo, e o Estado fascista não era percebido como uma manifestação qualitativamente distinta da democracia burguesa.

E qual era, afinal de contas, a posição do "teórico político do ataque frontal" quanto a esta questão? Como o próprio Coutinho afirmou, Trotsky havia sido derrotado, e as críticas de Gramsci aplicavam-se com mais propriedade à própria Internacional Comunista. Mas Trotsky não havia sido derrotado apenas "politicamente", como afirma Coutinho. Havia sido expulso da Rússia, do Partido Comunista e da Terceira Internacional, ao tempo em que sofria moralmente um dos maiores ataques que se tem notícia na história.[32] Naquele período, embora ainda acreditasse na regeneração do Partido Comunista da União Soviética, sua batalha era contra a

[32] Os ataques desferidos contra Trotsky intensificaram-se nos anos posteriores em que ele foi expulso da União Soviética, em 1929, e terminou seus dias assassinado no México por um agente stalinista da GPU. Antes disso, entretanto, travou uma batalha sem tréguas contra o stalinismo o que o levou a fundar, em 1938, a Quarta Internacional. No marcos do movimento comunista internacional, a partir do stalinismo, seu nome foi vinculado à "traição", "delação" e "contra-revolução". Apesar do desaparecimento do "socialismo real" (ou dos Estados Operários Burocratizados, como diria Trotsky) seu nome ainda busca plena reabilitação na União Soviética e no movimento operário internacional.

burocratização e degeneração do Estado Operário e contra os erros da política stalinista na Internacional que já produzira derrotas significativas na Alemanha, na Inglaterra e na China. Enquanto outras derrotas estavam sendo preparadas, Trotsky empenhou-se em combater as políticas esquerdistas em vigor, criticando duramente a inflexão da IC, a partir 1928. Suas observações vinham no sentido de combater o esquerdismo que era produto de uma avaliação equivocada das condições objetivas e das políticas desastrosas dos epígonos do stalinismo: "Desde fevereiro de 1928 que a reviravolta tática da IC é, por assim dizer, completamente o oposto da reviravolta real do movimento histórico. Desta contradição nasceram: tendências aventuristas, uma separação maior do partido e das massas, o enfraquecimento das organizações, etc..."[33]

Nesse momento, Trotsky defenderá uma política defensiva e a construção de uma Frente Única com a social-democracia contra o fascismo na Alemanha. Ora, e não foi justamente isso que Gramsci defendeu nos *Cadernos* quando afirmou: "Parece-me que Ilicht [Lênin] havia compreendido a necessidade de uma mudança da guerra manobrada, aplicada vitoriosamente no Oriente em 1917, para a guerra de posição, que era a única possível no Ocidente (...) Parece-me este o significado da fórmula de 'frente única (...)"[34]

Portanto, se Trotsky defendia a política defensiva e falava de palavras-de-ordem democráticas e de transição, Gramsci referia-se à necessidade da passagem à "guerra de posição". Dessa forma, fica claro que a posição de Gramsci em defesa da "Frente Única" era semelhante a de Trotsky, muito embora de perspectiva e alcance diferentes. Entretanto, a operação ideológica que pretende transformá-lo num antitrotskista realiza mais um artifício que é o de aproximá-lo de Lênin (na verdade do marxismo-Lêninismo, leia-se, do stalinismo) estendendo artificialmente o combate ao esquerdismo em 1920-1921, a um combate ao trotskismo. Se Gramsci estava sujeito às artimanhas desta operação, haja visto que as informações que recebia no cárcere lhes eram passadas pela direção do Partido Comunista Italiano, já plenamente integrado à política stalinista, não é mais possível perpetuar este

[33] Leon Trotsky. *Revolução e contra-revolução*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, s/d, p. 42.

[34] Antonio Gramsci. *Op. cit.*, p. 262.

tipo de leitura em pleno século XXI. Dessa forma, soa estranha a postura de Carlos Nelson Coutinho quando afirma: "Combatendo o trotskismo e, ao mesmo tempo, a 'virada esquerdista' de Stálin depois de 1929, Gramsci mantém-se fiel às diretrizes indicadas por Lênin no 3º Congresso (1921) da IC, quando o 'esquerdismo' é duramente combatido e a IC propõe uma política de 'frente única' com as demais forças operárias e socialistas, uma política que intuía a maior complexidade das sociedades 'ocidentais', mas que seria abandonada por Stálin precisamente a partir de 1928-1929".[35]

É demasiadamente equivocada idéia de Coutinho de que Gramsci combatia o trotskismo! Se haviam diferenças entre o comunista sardo e o revolucionário russo e, não se pode negar que eram muitas, essas diferenças não se prestavam a combates do tipo que o stalinismo promoveu contra o trotskismo. De qualquer forma houve, em muitos casos, e se pode ler isso em muitas passagens dos *Cadernos*, certa confusão de Gramsci sobre diversos assuntos, em especial quanto aos assuntos que envolviam Trotsky, pelas questões que foram apontadas, todas elas relacionadas ao resultado de um brutal processo de exclusão e detratação do ex-dirigente bolchevista, ao qual o próprio Gramsci, como milhares de comunistas honestos pelo mundo afora, foram vítimas.

Comentário à guisa de conclusão

Diante de tudo o que foi dito, é necessário, por fim, objetar às teses que pretendem transformar o legado de Gramsci em algo supra-histórico. Se é verdade que os problemas que o comunista sardo se colocou, relacionados à luta pelo socialismo (ou sociedade regulada, como dizia), ainda estão presentes (e "a humanidade só levanta problemas que é capaz de resolver"), é também verdade que a temporalidade dos escritos gramscianos está marcada por dois momentos precisos: a vitória da Revolução Russa, em 1917, e a derrota da Revolução Mundial, a partir da segunda metade dos anos 20 do século passado. Por isso será possível encontrar nos textos gramscianos o reflexo (conscientemente mediatizado) da transição entre os dois períodos.

[35] Carlos Nelson Coutinho. *Op. cit.*, p. 151.

Dessa forma, o otimismo da vontade, presente no período pré-carcerário, aliava-se a um otimismo da inteligência, mas este se transfigurou nos escritos do cárcere na fórmula "pessimismo da inteligência, otimismo da vontade". Mudaram-se os tempos, e as fórmulas também. Nesses termos, as elaborações tático-estratégicas gramscianas no momento de ascensão do fascismo na Itália e do nazismo na Alemanha, bem como a paralisia do movimento socialista internacional, só poderiam se expressar em Gramsci pela adequação das formas de luta. E ainda que este insira toda a discussão tática a partir da sua teoria da hegemonia, não se pode imaginar que da "guerra de posição" não se possa passar, novamente, à "guerra de movimento". Os exemplos pelo mundo se multiplicam e os casos na América Latina são os mais emblemáticos, como os que recentemente atingiram o Equador, a Argentina e a Bolívia (isso para não falar do que se está passando em outros países do continente): sem uma direção revolucionária, insurreições, levantes e revoluções correm o risco de se esfumarem nas brumas da história.

Por fim, só resta dizer que as discussões sobre Gramsci estão apenas começando e muitas das atuais proposições que pretendem inseri-lo como precursor do marxismo ocidental (aquele cuja vertente italiana desembocou na terceira via), ou como o pioneiro propositor da democracia como valor universal, ou mesmo como teórico da democracia progressiva, merecem discussão e refutação à altura. Assim também se poderá objetar que o pensamento de Gramsci está muito longe de endossar o pacto social e a conciliação de classes como via necessária ao socialismo, como querem dirigentes do Estado brasileiro na atualidade, e aqui valeria um amplo debate sobre os (ab)usos de Gramsci cometido por alguns intelectuais liberais ou neoliberais, mas isso ficará para uma outra ocasião, pois o pensamento gramsciano certamente ainda nos há de servir como um vigoroso antídoto contra todo o pessimismo que atravessa a nossa inteligência nos dias atuais.